

Aconcágua - ataque ao cume pelo GLACIAR DOS POLACOS

texto e fotos:

Maria Thereza Temperini

Aconcágua, 1980

Em Janeiro de 1980, sócios do CEU (Centro Excursionista Universitário da USP) Sérgio Beck, Maria Thereza Temperini Beck e do CAP (Clube Alpino Paulista) Lelia Jordan e Silvio Germano Martins realizaram a subida do Aconcágua pela Via Glaciar dos Polacos e pernoitaram a 50 metros do cume em uma barraca francesa com forração interna de seda.....

A caminhada de Punta de Vacas até o Campo Base levou cerca de uma semana, com idas e vindas, levando nossos mantimentos e equipamentos. Fomos nos aclimatando deste então. Após caminhada subindo o Rio Relinchos chegamos ao Campo Base. A partir daí os nossos Campos de descanso sempre foram um pouco mais baixos que os Campos Verdadeiros. Pernoitamos no Campo Base e na manhã seguinte caminhamos até o Campo Um onde passamos a noite. Na manhã seguinte continuamos em direção ao Campo Dois (ao pé da "agulha") mas o Silvio começou a não sentir-se bem tendo que voltar por problemas de saúde. A Lelia acompanhou o Silvio até um grupo que estava deixando o Aconcágua. No Campo Três resolvemos subir o Ameghino, montanha com muito pedrisco o que dificultava em muito a subida mas mesmo assim fomos até o cume. Voltamos ao Campo Três e na manhã seguinte iniciamos a caminhada pelo Glaciar e no meio do Glaciar montamos o Campo Quatro.

A travessia do Glaciar dos Polacos é uma caminhada altamente técnica e que exige o uso de crampons , piqueta (piolet) e encordamento. A rampa do Glaciar apresenta uma inclinação que varia entre 40 e 45 graus. Pernoitamos no Campo Quatro e na manhã seguinte caminhamos pelo Glaciar em direção ao cume. Ao chegarmos na crista o Sérgio nos concedeu a dianteira e a Lelia e Eu após exaustiva subida chegamos ao cume da montanha. Que visão deslumbrante dos arredores!

Aí a 6962 metros de altitude deixamos os nossos nomes no livro e como já era um pouco tarde para descer e estávamos exaustos resolvemos pernoitar no cume. A noite foi tranquila apesar do frio.

Na manhã seguinte iniciamos a descida mas o tempo estava fechado e com neblina. A descida não estava nada fácil e o Sérgio acabou escorregando numa placa de gelo e a cordada rolou ladeira abaixo. Eu acreditava ser o fim pois meu corpo era lançado de degrau em degrau para um possível abismo. Só paramos quando o Sérgio após várias tentativas conseguiu encravar a piqueta na neve freando a queda. Foi algo impressionante ter parado de rolar montanha abaixo, tive a sensação do tempo parar. Felizmente ninguém se machucou apesar do susto. Continuamos a descida da Montanha atingindo a cada dia regiões cada vez mais quentes.









